

Oficinas e expedições ambientais como estratégias de educação ambiental formal em Unidades de Conservação

Paulo Bruno José Ferreira de Brito (UFPE)
paulo.fbrito@ufpe.br

Introdução

A Educação Ambiental (EA) quando se constitui em prática educativa está fomentando uma convergência entre o campo ambiental e as tradições educativas. Esse encontro entre o ambiental e o educativo precisa ser encarado como um encontro do mundo da vida, da vida refletida no mundo social e não apenas da vida puramente biológica (CARVALHO, 2012, p. 153). Mas esse reconhecimento da dimensão social do ambiente pela EA, especialmente aqui no Brasil, só veio a se dar a partir dos anos 90 (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2001), pois até então, diferentes correntes pedagógicas eram homogeneizadas, desconsiderando as opções político-pedagógicas que referenciavam as diferentes práticas educativas.

É neste contexto, onde a EA, especialmente aquela desenvolvida em âmbito formal na escola, está longe de se configurar como uma síntese apaziguadora, que esta pesquisa objetivou avaliar estratégias metodológicas adotadas pelo Projeto ICMBio na EREM AFN desenvolvido na Escola de Referência em Ensino Médio Arquipélago Fernando de Noronha (EREM AFN).

Para esta pesquisa, recorreremos à metodologia de pesquisa-ação-participativa em educação ambiental, uma modalidade que se refere a “possibilidade de radicalizar a participação dos sujeitos, valorizando suas experiências sociais a ponto de tomá-las como ponto de partida e de chegada – na produção de conhecimentos para a educação ambiental” (TOZONI-REIS, 2007, p. 158).

Vale esclarecer que este é um recorte de um trabalho mais amplo ocorrido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação pela

Universidade de Pernambuco – *Campus Mata Norte*, sob o título *Educação Ambiental na Escola de Referência em Ensino Médio Arquipélago Fernando de Noronha e sua relação com as Unidades de Conservação* (BRITO, 2017).

A Escola, o projeto e seu escopo

A EREM AFN é a única escola com oferta de Educação Básica no Brasil localizada numa ilha oceânica. Isso torna seu contexto peculiar, uma vez que sua comunidade é insular e está há 545 quilômetros da costa do Recife-PE e há 342 quilômetros da costa de Natal-RN. É a instituição que “forma” a comunidade de Fernando de Noronha, que por sua vez passou por processos históricos que ressoam fortemente na cultura dos seus moradores, que atualmente transitam entre a Área de Proteção Ambiental e o Parque Nacional Marinho do Arquipélago.

Essas considerações sobre a escola e onde ela está inserida tem ressonância em Orr (2006, p. 123):

O lugar tem uma história humana e um passado geológico; ele é parte de um ecossistema com uma variedade de microsistemas, é uma paisagem com uma flora e fauna particulares. Os seus habitantes fazem parte de uma ordem social, econômica e política: eles importam ou exportam fontes de energia, água e detritos; estão ligados a outros lugares por incontáveis vínculos.

Por isso, que a EA prescinde de ser pensada para além das tematizações e abordagens genéricas. A escola, de modo especial, precisa ter articulado ao seu currículo um debate consistente sobre o “seu” meio ambiente que, no caso de Fernando de Noronha, se apresenta tão latente em suas vertentes natural e social.

A preocupação com a melhor forma de desenvolver a EA na escola é discutida por Silva; Gomes (2008, apud GUIMARÃES et. al., 2012, p. 70):

estudos sobre a forma mais adequada de inserção da EA na escola a oscilam entre o uso de novas propostas curriculares

e sua inserção por meio interdisciplinares, buscando-se contemplar, com eles, a complexidade de seu estudo não conseguida por disciplinas isoladas.

Nesse sentido, Pimenta e Anastasiou (2002), defendem que uma finalidade da escola é contribuir com o processo de humanização de professores e alunos, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora. Este pensamento converge com o de Tozoni-Reis quando ela reflete que "se a educação é mediadora na atividade humana, articulando teoria e prática, a educação ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem (2007, p. 127).

Quanto à implementação da EA em UCs, Costa; Costa (2014, p. 213) assinalam que:

O desenvolvimento de Educação Ambiental em (e para) as Unidades de Conservação da Natureza transcende os limites da área protegida e deve estar focado não somente na conservação/preservação dos remanescentes de ecossistemas (muitos ainda ameaçados por diversas atividades impactantes), mas no indivíduo promotor e/ou receptor das ações educativas, no estímulo à consciência de ser este um sujeito social atuante e crítico, devendo estar plenamente inserido no contexto ambiental. (idem, 2014, p. 213)

Essas considerações guiaram a análise da pertinência do *Projeto ICMBio na EREM AFN* que aconteceu sob duas estratégias principais: Oficinas em sala de aula e expedições ambientais. O projeto abordou cinco temas: Ocupação Humana, Unidades de Conservação em FN, Gestão Sustentável de Resíduos Sólidos, Recursos Hídricos e Energia. Houve participação dos professores da escola e colaboração de educadores ambientais do ICMBio. O processo de planejamento do projeto contou com a participação da gestão da escola em todas as suas etapas.

Os dados de participação retirados dos relatórios do projeto revelaram que a participação dos alunos nas oficinas ficou em média

num percentual de 69%, enquanto nas expedições, 47%. Quanto aos professores, 87% participaram das oficinas e 52% das expedições. As oficinas aconteceram no momento da aula enquanto as expedições ocorreram no contraturno, principal motivo apontado para um percentual menor de participação.

Sobre as estratégias do projeto, temos em Tomazello & Ferreira (2001) que a aplicação dessas oficinas se enquadra no processo de educação *sobre* ou *acerca* do ambiente, cuja finalidade básica é proporcionar informações e formação sobre o meio ambiente e as relações que se dão nele.

Essas mesmas autoras, apoiadas em Jiménez Aleixandre (1995) e Máximo-Esteves (1998), afirmam que a Educação *no* ou *através* do ambiente toma o meio físico como recurso didático duplo: como meio para investigar e descobrir o mundo por meio da observação e do contato direto e, também, como ponto de partida para desenvolver projetos de aprendizagens integradas.

Considerações Finais

As estratégias metodológicas adotadas nesse projeto mostraram-se pertinentes ao desenvolvimento do convívio dos estudantes com as UCs de Fernando de Noronha, uma vez que se utilizou o triplo enfoque: a educação sobre, no e para o ambiente, apresentando o conteúdo de forma expositiva, mas complementado por expedições ambientais, explorando na prática e *in loco* os temas abordados. Essas estratégias empoderaram os estudantes para o exercício de sua cidadania ambiental, já que as temáticas abordadas eram completamente contextualizadas às UCs locais.

Por essas vias, a EA fica fortalecida na escola, porque se volta para o seu contexto explorando o viés socioambiental, acreditando na

função política da EA e no situar-se, não só geograficamente, mas cultural e historicamente.

Referências

BRITO, P. B. J. F. de. Educação Ambiental na Escola de Referência em Ensino Médio Arquipélago Fernando de Noronha e sua relação com as unidades de Conservação. Dissertação de Mestrado. Nazaré da Mata, 2017.

CARVALHO, I. C. de M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, N. M. C. da; COSTA, V. C. da. Educação Ambiental em Unidades de Conservação da Natureza. In: PEDRINI, A. de G.; SAITO, C. H. (orgs.) Paradigmas metodológicos em Educação Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUIMARÃES, Z. F. S.; SANTOS, W. L. P. dos; MACHADO, P. F. L.; BAPTISTA, J. de A. Projetos de educação ambiental em escolas: a necessidade da sistematização para superar a informalidade e o improviso. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 7, n.1 – pp. 67-84, 2012.

JIMÉNEZ ALEIXANDRE, M. P. Integrando la educación ambiental en el currículum de ciencias. Alambique: Didáctica de las ciencias experimentales, v.2, n.6, oct. 1995.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Educação Ambiental nos anos 90. Mudou, mas nem tanto. In: Políticas Ambientais, 9 (5):6-7. 2001.

ORR, D. W. Lugar e pedagogia. In: STONE, M. K.; BARLOW, Z. (Orgs.) et. al. Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002.

TOMAZELLO, M. G. C.; FERREIRA, T. R. das C. Educação Ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos? Revista Ciência & Educação, v.7, n.2, p. 199-207, 2001.

TOZONI-REIS, M. F de C. A pesquisa-ação-participativa e a educação ambiental: uma parceria construída pela identificação teórica e metodológica. In: _____ (org.) A pesquisa-ação-participativa em

educação ambiental: reflexões teóricas, São Paulo: Annablume, 2007,
p. 121-161.